

AS GUERRAS, OS NEGÓCIOS E OS CRIMES

Reginaldo Nasser

AS GUERRAS, OS NEGÓCIOS E OS CRIMES¹

Reginaldo Nasser

Não havendo a justiça, o que são os reinos senão grandes roubos? Pois o que são os próprios roubos, senão pequenos reinos? O reino é formado por homens; é governado pela autoridade de um príncipe, é unido pelo pacto da confederação; o saque é dividido pela lei acordada. Se, pela admissão de homens abandonados, esse mal aumenta a tal ponto que ocupa lugares, fixa moradas, apodera-se de cidades e subjuga povos, assume tanto mais claramente o nome de um reino, porque a realidade agora é manifestamente conferida a ele, não pela remoção da cobiça, mas pela adição de impunidade.

Santo Agostinho no Livro IV de A Cidade de Deus

A guerra é um crime... facilmente, o mais rentável, certamente, o mais cruel... É o único em que os lucros são contados em dólares e as perdas em vidas... Ela é conduzida para o benefício dos poucos, à custa do muitos... eu passei a maior parte do meu tempo como um "defensor de alta classe" para os Grandes Negócios, para Wall Street e para os banqueiros. Em suma, eu era um gângster, um gangster para o capitalismo."

General do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos

No Ocidente, políticos, ativistas de direitos humanos e o público, em geral, têm abordado exaustivamente a guerra na Ucrânia que deve, realmente, ser motivo de preocupação devido à escalada das ações bélicas envolvendo uma potência nuclear, além das consequências humanitárias, os impactos no mercado global de alimentos e a crise energética. A ONU, a UE, a NATO, os EUA e outros países reagiram rapidamente à situação na Ucrânia, seja por meio de apoio direto na forma de recursos financeiros, equipamento militar e treinamento, seja por meio de apoio moral e sanções econômicas nunca vistas em outro momento da história. Por tudo isso, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e a crescente rivalidade EUA-China estão produzindo impactos consideráveis na ordem mundial.

Em discursos não oficiais, militares e políticos norte-americanos avaliam que a Ucrânia representa o tipo de guerra que os EUA têm vocação para lutar: é um grande conflito convencional, contra os russos e as justificativas não

¹ Nesse texto há trechos e idéias extraídas de Nasser, Reginaldo (2021). *A Luta Contra o Terrorismo: os Estados Unidos e os Amigos Talibãs*. Editora Contracorrente.

tem ambiguidades morais ou questões controversas como as guerras do Iraque e Afeganistão. Nesses países, os EUA eram os invasores que estavam colocando em questão a soberania territorial de um país, mas na Ucrânia seria o caso oposto, isto é, os norte-americanos estão ao lado daqueles que são vítimas de uma invasão.

Na verdade, tanto a Guerra contra o Afeganistão como a do Iraque contaram, inicialmente, com apoio majoritário da opinião pública, da mídia e do Congresso dos EUA, e o fato de as narrativas atuais admitirem, pelo menos, a existência de “ambiguidade moral” nessas ações decorre do fracasso desses empreendimentos militares ao não alcançarem os objetivos prometidos. Não há paz nem democracia nesses países e o Talibã voltou a ser governo. Mas, se fizermos um recuo no tempo, perceberemos facilmente que havia amplo apoio na sociedade norte-americana. As pesquisas de opinião pública realizadas, após 11 de setembro de 2001, atestam o medo infundado, mas percebido enquanto real de um possível ataque da Al Qaeda contra os EUA usando armas de destruição em massa. Perguntados em dezembro de 2001 se achavam que Bin Laden tinha acesso a armas de destruição em massa, 63% dos americanos responderam “sim”. George W. Bush aproveitou essa situação de temor generalizado na população estadunidense para construir a narrativa que legitimaria o ataque ao Iraque, em 2003, acusando Saddam Hussein de esconder armas de massa, além de abrigar agentes da Al-Qaeda.

Questionado por um repórter a respeito de um balanço da guerra no Afeganistão, o presidente Biden respondeu dizendo que foi uma resposta a algo horrível que aconteceu já faz muito tempo e pediu para falar do futuro. No dia 14 de abril de 2021, Biden anunciou o início da retirada das forças militares norte-americanas do Afeganistão e abusou da retórica dizendo que os EUA alcançaram o principal objetivo da guerra: o país não seria mais usado como base a partir da qual os terroristas poderiam atacar novamente. O presidente propôs ainda mudar o ambiente estratégico que sustentou essa guerra durante duas décadas: “Ao invés de voltar à guerra com o Talibã, temos que nos concentrar nos desafios que estão diante de nós... enfrentar a dura concorrência de uma China cada vez mais assertiva”. Em outras palavras, deveríamos relegar ao esquecimento a chamada Guerra Global contra o Terror que viria a mudar a ordem mundial.

Mais preocupado com marketing político, o Presidente quis fazer da retirada dos EUA um trunfo e se negou a fazer qualquer tipo de reflexão sobre o custo trágico da arrogância norte-americana com mais de centenas de milhares de afegãos mortos e feridos. Quando se faz a pergunta, mesmo para pessoas bem informadas, qual é a guerra mais longa da história dos EUA, grande

parte das respostas dos estadunidenses nomeia a guerra no Vietnã ou a Segunda Guerra Mundial, mas dificilmente mencionará a Guerra do Afeganistão que durou vinte anos.²

Entretanto, é fundamental recuperarmos aquele momento posterior aos ataques do dia 11 de Setembro para compreender o arcabouço da doutrina que se constituía. Para o vice-presidente, Dick Cheney, que se destacava entre as lideranças políticas em interpretar os sentidos dos acontecimentos, os atentados terroristas mudaram de tal forma a maneira como se pensavam as ameaças aos EUA que foi preciso uma reformulação da estratégia de segurança nacional. No documento de Segurança Nacional de 2002, a administração Bush assumia, definitivamente, que a questão dos "Estados falidos ou fracassados" já não poderia ser vista apenas sob o prisma dos direitos humanos e do subdesenvolvimento, mas sim como um problema de segurança. Além disso, e esse ponto é central, tratava-se, de acordo com documento, de um inimigo que poderia ter acesso a armas de destruição em massa, sem compromisso em defender qualquer população ou território, enfim um inimigo que "não poderia ser dissuadido, contido ou apaziguado". Na visão dos formuladores da doutrina, tratava-se de uma verdadeira ameaça existencial, mais perigosa do que aquela que houve durante a guerra fria, pois naquele momento, embora poderoso, o inimigo (União Soviética) agia de forma racional.

Portanto, de acordo com a nova doutrina os principais problemas de segurança não estariam mais localizados nos Estados considerados mais poderosos, mas sim naqueles Estados em crise ou colapso que passaram a ser vistos como mais ameaçadores do que os mais fortes. A interpretação do *establishment* era de que as duas categorias, grupos terroristas e Estado patrocinadores de terrorismo, possuíam uma relação simbiótica benéfica a ambos. Enquanto os grupos terroristas se beneficiaram do fornecimento de dinheiro, treinamento, armas e assistência logística de seus patrocinadores estatais, os Estados usufruíram o fato de ter terceiros para fazer suas ações armadas sem a exposição pública. Assim, construiu-se um dos principais pilares da política anti-terrorista dos EUA: a categoria dos Estados Falidos, aqueles onde o governo não tem o monopólio da violência dentro de suas fronteiras, ou possuem áreas "sem governo", que proporcionam aos terroristas um "refúgio seguro" para atacar outros países, seja por sustentar as ações terroristas seja por ser incapaz de se contrapor a essas.

² Olomi, Ali A. (2021). *Americans spent 20 years forgetting Afghanistan*. Washington Post December 13.

O passo seguinte foi articular grupos terroristas e Estados falidos, o que permitiria inserir o terrorismo organizado em redes transnacionais dentro das fronteiras do Estado-Nação, tornando possível justificar uma ação militar nos moldes convencionais. Por meio dessa interpretação, associando Estados falidos a ação dos grupos terroristas, o Afeganistão, e depois o Iraque, entraram na mira dos EUA.

Bush afirmou que a invasão do Afeganistão foi moralmente justificada sob o princípio da “autodefesa”. Mas essa alegação dependia necessariamente de mostrar que o regime talibã estava envolvido nos ataques de 11 de setembro. Muito embora o Afeganistão estivesse associado ao 11 de setembro por ter servido como residência de Bin Laden e base de operações para a Al-Qaeda, o fato é que os ataques foram planejados em vários países diferentes, com os principais terroristas operando livremente dentro do próprio EUA, como explicado anteriormente. Como revelou o Relatório da Comissão do 11 de setembro, publicado em 2004 e que consiste no documento mais completo sobre a forma pela qual a trama inicial do 11 de setembro foi concebida e planejada, o Afeganistão foi apenas uma peça dentro do planejamento mais amplo.

Ou seja, o planejamento para o 11/9 pode ter acontecido em qualquer nação que tivesse células da Al-Qaeda. Grande parte do planejamento operacional foi realizado na Alemanha e no próprio Estados Unidos. O enredo do 11 de setembro foi concebido por um grupo de pessoas com intensa mobilidade internacional, com acesso a esconderijos em vários países em um ambiente de segurança permissiva para o terrorismo em várias partes do mundo.

Nas últimas duas décadas, grupos terroristas internacionais prosperaram explorando a globalização e a tecnologia da informação, o que diminuiu, na mesma proporção, sua dependência de refúgios territoriais. É inacreditável que poucas pessoas tenham prestado atenção no fato óbvio de que nenhum dos 19 terroristas do dia 11 de setembro era do Afeganistão. Igualmente espantoso que a maioria das pessoas não tenha percebido que os preparativos mais importantes para os atentados terroristas no 11 de setembro de 2001 não ocorreram em campos de treinamento no Afeganistão, mas em apartamentos na Alemanha, quartos de hotel na Espanha e escolas de voo nos EUA. Como então aceitar que a guerra fosse dirigida ao Afeganistão? Como foi possível que a principal justificativa doutrinária para combater terroristas fosse aceita como legítima?

Como poderia uma nação que gasta anualmente, por volta de 350 bilhões de dólares em segurança e defesa ser atacada por um grupo de homens brandindo canivetes, porretes e spray de pimenta? Foi preciso criar a falácia de que se tratava de um tipo de ameaça nunca vista na história.

Esses quase vinte anos de "guerra contra o terror", também passaram a ser reconhecidos como "guerras sem fim" já que seu propósito não era combater um determinado inimigo, mas um fenômeno: o terrorismo –, desfrutando de notável apoio bipartidário no Congresso e da opinião pública norte-americana. Quatro presidentes de ambos os partidos não hesitaram em exercer seu poder de envolver militares e forças de segurança em, pelo menos 85 países do mundo, em nome da luta contra o "terrorismo" ou do "radicalismo islâmico". Tais intervenções incluíram ataques aéreos contra grupos armados em sete países, combate direto contra tais grupos em 12 países, exercícios militares em 41 países, treinamento ou assistência a unidades militares, policiais ou de patrulhamento de fronteira em 79 países tendo como apoio as centenas de bases militares americanas espalhadas pelo mundo.

Vinte anos depois das invasões do Afeganistão e Iraque há um consenso, entre grande parte da sociedade norte-americana, que as ações militares resultaram num tremendo fracasso. Os EUA e seus aliados não conseguiram alcançar os objetivos anunciados e as consequências da operação militar foram desastrosas, seja do ponto de vista moral, econômico ou militar. O debate entre os partidos democrata e republicano se deu em torno das prioridades de envolvimento militar. Procurando se contrapor a G. Bush, Barack Obama criticou veemente a Guerra do Iraque, qualificando-a como "Guerra Ruim". Já o Afeganistão, era visto por Obama como o centro de gravidade na luta contra o terrorismo internacional, a "Guerra Boa". Em 2009, Obama aumentou as forças dos EUA no Afeganistão para quase 100.000 soldados.

Mas, o que o discurso dominante sobre o fracasso dos EUA procura encobrir é que denominada Guerra Global contra o Terrorismo foi uma grande vitória para alguns. Supõe-se que o objetivo numa guerra é "ganhar", partindo do princípio de que os atores (Estados Nacionais) em confronto buscam impor sua vontade por meio de ações que comportam o uso da força. Mas, é preciso pensar o Estado, de forma concreta, isto é, os objetivos daqueles que decidem ir à guerra são bastante diversos com alguns atores mais interessados em manipular as informações e prolongar os combates do que propriamente conseguir uma vitória militar.

A questão hoje colocada por muitos analistas nos EUA é: podemos aprender com este erro? Grande parte dos economistas avaliam que é preciso descartar a ideia, bastante sedutora, de que a guerra é boa para a economia. Mas, como podemos simplesmente fechar os olhos para o fato de que além do aumento exponencial da lucratividade das empresas favorecidas pela alta do petróleo, após a invasão do Iraque, deu novo impulso a complexo industrial militar?

O ataque norte-americano ao Iraque impactou consideravelmente o comércio mundial de petróleo, pois além de interromper a produção iraquiana,

a instabilidade política que causou no Oriente Médio fez com o que o preço do produto disparasse. Em 2003, quando os EUA chegaram à região, o preço do barril estava ao redor de US\$25. Cinco anos depois, em 2008, os preços chegaram a US \$140. A percepção de insegurança no mundo proporcionada pela chamada Guerra contra o Terror propiciou ainda um aumento considerável na venda de armas para os países em todo o mundo. As 100 maiores empresas produtoras de armas do mundo venderam US \$410 bilhões em armas e serviços militares em 2011. Um estudo do Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI) mostra que a despesa militar no mundo, em 2011, foi de 1,6 trilhão de dólares, um aumento de 40% em 10 anos.

Em 2006, Washington concluiu o maior número de novos negócios de armas (US \$16,9 bilhões em 2006, 41,9% do total global). Mas, além disso os EUA passaram a aprimorar suas políticas de exportação de armas e treinamento militar fornecido aos supostos aliados antiterroristas e o desenvolvimento de novos programas para apoiar sua guerra contra o terrorismo global. Após os ataques de 11 de setembro, George W. Bush declarou que os EUA estavam dispostos a fornecer treinamento e assistência a qualquer governo que enfrentasse uma ameaça terrorista, afirmando que “a América encoraja e espera que os governos de todos os lugares ajudem a remover os parasitas terroristas que ameaçam seus próprios países e a paz do mundo. Se os governos precisarem de treinamento ou recursos para cumprir esse compromisso, os Estados Unidos ajudarão.” (Office of the Press Secretary, 2002).

Nos primeiros cinco anos após 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos venderam quase cinco vezes mais armas por meio de Vendas Militares Estrangeiras (FMS) e Vendas Comerciais Diretas (DCS) para 25 países do que durante os cinco anos anteriores a essa data. Do ano fiscal de 2002 ao ano fiscal de 2006, o FMS para esses países aumentou de cerca de US \$1,7 bilhão para US \$5,3 bilhões. O DCS para esses 25 países também atingiu novos recordes, subindo de US \$72 milhões durante os anos fiscais de 1997-2001 para mais de US \$3 bilhões durante os anos fiscais de 2002-2006.

Mesmo com a retirada das tropas do Iraque e do Afeganistão, de acordo com dados do Stockholm International Peace Research Institute, os gastos militares totais dos EUA ultrapassaram US \$800 bilhões, em 2021, representando cerca de 38% do total global daquele ano.³ Ora, se os EUA não estão em guerra em nenhuma parte do mundo o que o leva a aumentar os gastos mili-

³ https://sipri.org/media/press-release/2022/world-military-expenditure-passes-2-trillion-first-time?utm_source=phpList&utm_medium=email&utm_campaign=For+Immediate+Release%3A+World+military+expenditure+passes+%242+trillion+for+first+time&utm_content=HTML.

tares. Talvez, em parte, a guerra na Ucrânia nos ajude a explicar. Desde fevereiro de 2022, quando a Rússia atacou a Ucrânia, os EUA investiram mais de US \$33,2 bilhões em assistência de segurança para aquele país.⁴

Joe Biden descreveu seu pedido de orçamento militar para o ano fiscal de 2023 como “um dos maiores investimentos em nossa segurança nacional na história”. Realmente, ajustado pela inflação, o nível de gastos militares proposto por Biden é maior do que qualquer outro desde a Segunda Guerra Mundial, exceto pelos orçamentos militares entre 2009 e 2012 que financiaram o aumento de tropas dos EUA no Afeganistão e no Iraque. Durante esse período, o número total de tropas americanas destacadas nesses países variou de oitenta a duzentos mil homens.⁵ Os EUA estão planejando um novo pacote de ajuda militar para a Ucrânia que pode chegar até US \$80 bilhões, o que elevaria os gastos totais dos EUA na Ucrânia a um valor de US \$115 bilhões.

As estimativas de gastos do governo dos EUA em relação à Guerra Global Contra o Terror e demais ações militares após o 11 de Setembro estão em torno de 6 trilhões de dólares no total, além do custo material, o custo humano foi drástico. Por volta de 800.000 foram mortas e 37 milhões passaram por deslocamento forçado.

No contexto de guerras, não importa quem ganha ou perde nos campos de batalha ou o número de pessoas inocentes que morrem e são chamadas de danos colaterais, o que conta para alguns são os lucros. Muitos investidores, nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo, se tornaram mais ricos a partir dos 6 trilhões de dólares que foram “investidos” – um termo mais apropriado do que gasto-, pois mostra que alguns têm interesse em guerras, ainda que sejam, aparentemente, irracionais para todos. Um relatório do Grupo de Estudos do Afeganistão aconselhou Biden a não retirar as tropas americanas. Não por coincidência, o presidente e o vice do grupo e a maioria de seus outros 12 membros têm laços financeiros com Empresas de Segurança que lucram com a proliferação das guerras americanas.

Logo no início da guerra, em outubro de 2001, um poderoso míssil Hellfire foi lançado num suposto lugar onde estaria o líder do Talibã, Mullah Omar. Dezenas de afegãos foram mortos, mas o líder talibã não estava entre eles, e ninguém perguntou quem havia sido morto. Esse fato se repetiu centenas de vezes durante esses vinte anos e creio representar bem um padrão de ataques indiscriminados, mesmo com os drones americanos, supostas “armas de precisão”, para decapitar o Talibã e a liderança da Al Qaeda. Essas armas

⁴ <https://www.state.gov/u-s-security-cooperation-with-ukraine/>.

⁵ <https://stephensemmler.substack.com/p/where-bidens-fy2023-funding-proposal>.

assombravam os aldeões afegãos. Talvez isso reflita de uma forma geral não apenas a ação militar propriamente dita, mas uma determinada concepção sobre a humanidade dos afegãos.

Apesar das estatísticas na guerra não revelarem os sentimentos de dor e tristeza; é fato que sem os números corremos o risco de fazer abstrações que podem ser até mais eficazes na dissimulação das crises humanitárias que os conflitos provocam. Uma estimativa sobre o processo de ocupação do Afeganistão revela que morreram por volta de 2.500 soldados norte-americanos com 20.000 feridos; mais de 65.000 policiais e soldados afegãos foram mortos; pelo menos outros 135.000 foram feridos. As baixas dos talibãs foram bem maiores: cerca de 100.000 mortos e 150.000 feridos. O número de civis afegãos mortos e feridos chega a quase meio milhão. Centenas de milhares de outros afegãos se tornaram refugiados ou deslocados internamente. No auge da guerra em 2015, mais de 1.170.000 pessoas haviam fugido de suas casas. Se acrescentarmos ainda as mortes e as consequências da fome e doenças as ações tornam-se repugnantes. Por volta de 306.000 civis iraquianos morreram de violência direta relacionada à guerra, enquanto centenas de milhares de civis iraquianos morreram de causas indiretas e milhões foram deslocados. Algumas estimativas colocam o número de mortos no Iraque em mais de 2 milhões.⁶

Como é possível evitar gastos na ordem de trilhões de dólares que levam à ruína a vida de milhões de pessoas? Talvez, uma resposta simples seja seguir o exemplo da deputada do partido democrata norte-americano, Barbara Lee (D-CA), a única entre 518 congressistas nos EUA que se opôs à resolução que autorizou o início da Guerra Global contra o Terrorismo. Apesar de ter enfrentado ameaças de morte pelo seu voto, ela se manteve firme, advertindo, corretamente, as consequências trágicas que poderiam ter. Eis algo que devemos valorizar no meio de tantos dólares e cadáveres.

⁶<https://watson.brown.edu/costsofwar/>.

Referências

- NASSER, Reginaldo (2021). *A Luta Contra o Terrorismo: os Estados Unidos e os Amigos Talibãs*. Editora Contracorrente.
- OFFICE of the Press Secretary, The White House (2002). *President Thanks World Coalition for Anti-Terrorism Efforts*. Washington DC, March 11 (hereinafter president's remarks, March 11, 2002).
- OLOMI, Ali A. (2021). *Americans spent 20 years forgetting Afghanistan*. Washington Post December 13.
- SEMLER, Stephen (2022). "Where Biden's FY2023 funding proposal ranks among postwar military budgets. In *Speaking Security Newsletter, Advisory Note for Activists and Candidates*, nº 153, 6 April, consultado online, disponível em <https://stephensemeler.substack.com/p/where-bidens-fy2023-funding-proposal>.
- SIPRI (2022). *World military expenditure passes \$2 trillion for first time*, 25 de Abril, consultado online, disponível em https://sipri.org/media/press-release/2022/world-military-expenditure-passes-2-trillion-first-time?utm_source=phpList&utm_medium=email&utm_campaign=For+Immediate+Release%3A+World+military+expenditure+passes+%242+trillion+for+first+time&utm_content=HTML.
- U.S. Department of State (2023). *U.S. Security Cooperation with Ukraine*, 20 de Março, consultado online, disponível em <https://www.state.gov/u-s-security-cooperation-with-ukraine/>.
- WATSON Institute International and Public Affairs (s.d.) *Costs of war*, Brown University consultado online, disponível em <https://watson.brown.edu/costsofwar/>.

